



Catherine Bidou-Zachariasen

Gentrificação na França considerações sobre a gênese e história do conceito na sociologia urbana francesa

*Catherine Bidou-Zachariasen é uma das primeiras pesquisadoras a trabalhar sobre a emergência das novas classes médias e dos processos de gentrificação nos grandes centros urbanos na França. Socióloga e pesquisadora emérita do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), foi diretora entre 1999 a 2009 do Institut de Recherche Interdisciplinaire en Sciences Sociales (IRISSO) da Universidade Paris-Dauphine (Paris IX). Atua como membro do comitê científico de várias revistas como *Espaces et Sociétés**

*e *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* e é autora de três livros: “Les Aventuriers du quotidien, essai sur les nouvelles classes moyennes”, “Proust sociologue. De la maison aristocratique au salon bourgeois” e “Retours en ville, des processus de gentrification urbaine aux politiques de revitalisation des centres”. Este último publicado no Brasil pela editora Annablume sob o título “De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbano”.*

Entrevista realizada por

Patricia Novaes

Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional no IPPUR/UFRJ e pesquisadora do INCT Observatório das Metrôpoles.

Samuel Thomas Jaenisch

Sociólogo, doutorando em Planejamento Urbano e Regional no IPPUR/UFRJ.

Tradução e Revisão: Patricia Novaes e Samuel Thomas Jaenisch

e-metropolis: Você foi uma das primeiras pesquisadoras a estudar, no início dos anos de 1980, os processos de gentrificação na França. Como começou o seu interesse por este tema?

Catherine Bidou: No início dos anos de 1980 eu ainda não conhecia este termo. Comecei a trabalhar as classes médias e suas práticas urbanas que eram relativamente originais e específicas. Minha tese era sobre este grupo. Ou melhor, sobre as novas classes médias, ou seja, o estrato social que emergiu após a II Guerra Mundial, principalmente ligado à expansão do setor público associado ao estado de bem-estar social e do setor terciário. Nós vimos esta classe social emergindo de maneira verdadeiramente importante entre as décadas de 1950 e 1970, sem conseguir classificá-la como parte da burguesia nem da classe operária, então era realmente um estrato social que os sociólogos tinham dificuldade de definir e de identificar.

Eu e outros pesquisadores tínhamos interesse em estudar especificamente as escolhas residenciais desse grupo. Elas se concentravam tanto nos municípios periurbanos, quanto nos antigos centros urbanos que tinham passado por processos de abandono e degradação. Em Paris, o *Quartier d'Aligre*, localizado no centro da cidade, já era nos anos 1980 um bairro que estava em curso de gentrificação, mas como eu não conhecia a teoria na época, tudo o que eu descrevi e analisei foi uma prática em que eles compravam moradias antigas e degradadas, depois as renovavam, e a partir daí construíam uma nova identidade para o bairro. O que antes era um espaço operário e artesão, um pouco abandonado, passou a ter uma nova identidade.

Anos depois eu me debrucei sobre a literatura anglo-saxã que já vinha analisando fenômenos urbanos parecidos com esse há algum tempo. No final dos anos de 1980, eu pesquisei o *Quartier Saint-Leu* na cidade Amiens, que estava em processo de renovação, e com isso eu reencontrei a problemática das classes médias que se apropriavam de áreas centrais degradadas. E foi a partir das leituras que fiz nesta época, que eu utilizei pela primeira vez em um capítulo de livro o termo “gentrificação”. Na mesma época, eu conheci, ao participar de seminários sobre estudos urbanos, uma jovem pesquisadora que tinha terminado sua tese sobre o *Quartier Saint-Georges* na cidade de Lyon. Ao debatermos, encontramos fenômenos parecidos sobre a reapropriação de antigas moradias degradadas – principalmente operárias – pelas novas classes médias. Então percebemos que tínhamos encontrado o mesmo tipo de processo urbano nas duas cidades. Como nós estávamos lendo e nos apropriando dos estudos ingleses, passamos a utilizar o termo “gentrificação”.

e-metropolis: Então, antes dos anos de 1980, os pesquisadores franceses não conheciam a literatura sobre gentrificação?

Catherine Bidou: Não. É preciso compreender que as classes médias eram um objeto indigno. A sociologia francesa naquela época era muito dominada pela sociologia marxista, e por isso só eram considerados dois polos. Havia a burguesia e o proletariado, ou seja, a classe dominante e a classe dominada. E no meio havia os independentes, os artesãos, os comerciantes, os empregados, no limite do que poderia ser considerado como classe média, mas a eles não era dada nenhuma autonomia nem identidade. A classe média era um objeto sem interesse. Quando eu entrei como pesquisadora no CNRS (*Centre National de la Recherche Scientifique*¹), iniciei um projeto sobre as classes médias, mas minha abordagem foi considerada por muitos como uma aproximação culturalista. Eu estava interessada em estudar as práticas, as representações, os modos de vida. E tudo isso era considerado culturalista, ou seja, próximo da sociologia norte-americana tida como de direita. Mas aos poucos esse mal-entendido foi sendo superado.

e-metropolis: Então, como era o campo da sociologia urbana nessa época? Quais eram as principais questões e as principais referências teóricas dessa época?

Catherine Bidou: A sociologia urbana era, sobretudo, dominada pela sociologia marxista. Então, os estudiosos em destaque na época eram o Jean Lojkin, o Christian Topalov, entre outros. Eles tinham uma orientação quase econômica. O Topalov fez um ótimo livro, notável, eu diria, que tinha uma abordagem interessante sobre os promotores e a promoção imobiliária. O livro fazia uma ótima análise da produção capitalista da cidade, mas a orientação sociológica de quem seguia essa linha era totalmente voltada para as forças do capital e não havia muito interesse em estudar as práticas dos atores privados. Entretanto, houve também uma pesquisa que foi muito importante, chamada “Renovação urbana e mudança social” do Henri Coing², sobre o processo de renovação urbana que estava ocorrendo no *XIII Arrondissement* de Paris³. Ele estudou as intervenções que estavam

1 Entidade semelhante ao CNPq no Brasil (nota do revisor).
2 Ver: COING, Henry. “*Rénovation urbaine et changement social*”. *L'ilot n°4* (Paris 13e). Paris: Les Éditions Ouvrières, 1966.
3 No debate francês há uma diferença conceitual bem marcada entre os termos “renovação urbana” e “reabilitação ou

sendo feitas nessa região em uma época (décadas de 1960 e 1970 – N.T.) em que as políticas urbanas na cidade de Paris consistiam em demolir as edificações existentes para a construção de grandes torres residenciais. Foi um bom estudo, pois ele analisou os efeitos desse tipo de intervenção sobre as populações que residiam nesses espaços, e a partir daí começou a surgir uma quantidade significativa de pesquisas voltadas para o estudo das práticas sociais em contextos de renovação urbana.

Mas eu me interessei mais pelo estudo das classes médias. Naquela época o poder público financiava estudos sobre as problemáticas urbanas e eu consegui um financiamento para estudar as cidades periféricas onde a presença desse grupo era evidente. A partir disso, constituiu-se na década de 1980 uma rede de pesquisadores sobre o tema das classes médias. Alguns abordavam o tema através de demografia, outros através do trabalho, eu abordava através do espaço e das práticas residenciais.

e-metropolis: E como foi a recepção dos estudos sobre as classes médias que vocês estavam realizando na época?

Catherine Bidou: A nossa pesquisa foi bem recebida. De repente, todo mundo começou a dizer: por que não trabalhar sobre este tema? Ele era interessante e original e por isso foi muito bem recebido.

O que também deu força para o crescimento deste tema na sociologia foi a constituição do Observatório Sociológico da Transformação⁴, onde foi desenvolvida a teoria da *moyennisation* de Henri Mendras. Esta teoria apontava que as classes médias eram de fato um objeto relevante e defendia que todo o mundo na França estava se tornando classe média. O que significava que havia um processo de ascensão social – os trabalhadores vestiam jeans, tinham uma casinha com jardim, faziam um churrasco no domingo – e, portanto, que uma abordagem centrada na polarização entre a classe social burguesa e a proletária não tinha mais sentido.

revitalização urbana”. O primeiro diz respeito a um tipo de intervenção feito pelo Estado em que o tecido urbano original é destruído para dar lugar a novas edificações, algo que foi recorrente nas grandes cidades francesas entre 1950 e 1970. Os segundos dizem respeito a intervenções que preservam as edificações existentes, mas modificam o seu uso a partir de intervenções pontuais e melhorias no seu entorno (nota do revisor).

⁴ No original: *Observatoire Sociologique du Changement*. Centro de pesquisa criado em 1989 junto à *Fondation Nationale des Sciences Politiques* (SciencesPo), em Paris.

Foi nessa época que passamos a ler os estudos anglo-saxões e eu me identifiquei com a maneira como essa literatura abordava as classes médias. Eu conheci também alguns sociólogos ingleses em alguns seminários em Paris, nos anos de 1990, que eram pesquisadores de sociologia quantitativa. Pedi que eles me enviassem seus livros e foi assim que eu comecei a ler esta literatura, e percebi que esse processo urbano que eu estava interessada em descrever era definido pelo conceito de gentrificação, então eu me apropriei.

Nessa época, Edmond Préteceille também se interessou por esta terminologia. Mas durante um longo tempo ele a considerava um conceito relativo aos países anglo-saxões e que não era pertinente para o caso da França, porque a história urbana dos dois países era muito diferente. No caso francês, as classes superiores sempre habitaram o centro das cidades, enquanto nos países anglo-saxões as classes médias e altas sempre procuraram fugir das áreas centrais. Portanto, não poderíamos utilizar o mesmo conceito sobre processos residenciais que são diferentes. Mas, com o tempo, o termo passou a ser bem aceito e reconhecido na França.

e-metropolis: A partir de seus estudos sobre as novas classes médias na França você escreveu o livro *Os aventureiros do cotidiano*⁵. Poderia nos falar um pouco sobre as características deste grupo? Qual é a origem social de seus familiares, seus ideais e aspirações profissionais e pessoais?

Catherine Bidou: Diria que a origem desse grupo corresponde ao período da passagem do fordismo para o pós-fordismo. As novas funções no setor público e os postos de trabalho no setor privado necessitavam de mão de obra mais qualificada, e então as universidades tiveram um crescimento importante. Com isso ocorreu um processo de mobilidade social nunca antes visto no país. O que existia antes era um pequeno número de categorias profissionais mais qualificadas e um grande grupo de profissões não qualificadas. Mas naquele momento as camadas que vinham de famílias cujos pais tinham ocupações de baixa qualificação passaram a ter acesso à universidade e com isso houve uma forte mobilidade social. Com esta mudança – a entrada na universidade e o acesso a postos de trabalho de maior qualificação – os filhos da classe operária já não se reconheciam nas

⁵ BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. *Les aventuriers du quotidien*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

representações de sua classe de origem. Eles passaram a dividir tarefas profissionais com pessoas de origem completamente diferente, com horizontes diversos. Em minha análise, o que eu tentei demonstrar foi que eles tentaram produzir novas representações ou visões de mundo que correspondessem aos seus interesses. No meu livro eu demonstrei, a partir de uma série de entrevistas realizadas, que havia uma distinção bem clara entre eles (as novas classes médias – N.T.) e as representações que eram características tanto da classe burguesa quanto da classe operária. E a dimensão da vida cotidiana tinha uma importância central nisso. Daí surgiu o nome do livro.

e-metropolis: Então podemos dizer que neste primeiro momento as famílias que foram para os bairros centrais populares fizeram esta escolha para marcar um modo de vida particular ou uma diferença com outros grupos da estrutura social?

Catherine Bidou: Não exatamente. Na época era uma escolha por ficar na cidade, era uma questão de preço imobiliário. Não era para se distinguir. Nas cidades de Paris e Lyon o preço imobiliário dos bairros operários era muito baixo, pois ainda existia uma grande diferença de preço entre os bairros burgueses e os bairros operários, o que não acontece mais nos dias de hoje. Na época, era uma forma de poder adquirir um apartamento em um bairro que ainda era acessível, apesar de degradado e popular. Com a entrada da nova classe média nestes bairros, as famílias passaram a transformar e a renovar suas moradias e consequentemente a sua vizinhança como um todo. No início, era uma questão de querer continuar na cidade, próximo do trabalho... E com a presença deles, o bairro foi se transformando pouco a pouco... Os comércios e os serviços foram se modificando, mas foi involuntário e não um projeto premeditado. Eles não se sentiam mal nos bairros populares, porque muitos deles eram provenientes de famílias que também habitavam bairros da classe trabalhadora. Mas a mobilidade social ascendente deste grupo levou os bairros a passarem por um processo de revitalização.

e-metropolis: Você observa diferenças do perfil das pessoas que buscavam os bairros populares hoje?

Catherine Bidou: Não, eu acho que permanece a mesma coisa hoje. O bairro que estudei recentemente, na cidade de Lyon, as pessoas buscavam pelo preço mais barato da moradia. Os artistas que não

tinham muito dinheiro procuravam locação de ateliê com preço baixo e a escolha era por condições objetivas, ou seja, moradias nas quais era possível pagar um aluguel. E foram suas práticas que fizeram o bairro se transformar. As pessoas que passaram a ir para lá em um segundo momento, instalaram-se não mais por necessidade, mas por escolha, porque aquele bairro tinha se tornado interessante. Isso aconteceu também no X e XI *Arrondissement* de Paris, que agora chamamos de bairros “Bobos”⁶. Há 30, 40 anos eram bairros degradados, e falava-se que as pessoas que se mudavam para lá tinham coragem por escolher um bairro tão popular. Eram profissionais qualificados de nível superior, eram professores universitários, engenheiros, artistas... Mas na época era uma escolha por um local de moradia que fosse central.

e-metropolis: Isso toca um pouco na teoria de Neil Smith?

Catherine Bidou: Para Neil Smith, o processo de gentrificação é uma estratégia econômica do grande capital e não de pequenos atores privados. Para ele os agentes da transformação são, sobretudo, os promotores imobiliários, os capitalistas. Mas, por outro lado, existem outros autores que defendem que a gentrificação ocorre devido à ação de indivíduos que desejam um outro modo de vida... Eu sou mais desta ideia: de que as pessoas escolheram morar no centro da cidade, e lá impuseram seu modo de vida. Um modo de vida que não existia antes e transformou aqueles espaços. Eu acho que Neil Smith era um marxista puro e duro, faltava um pouco de antropologia urbana na sua análise.

e-metropolis: Na sua opinião qual foi o papel do Estado no início do processo de gentrificação? Como o Estado entendeu o interesse das classes médias pelas regiões centrais?

Catherine Bidou: É preciso situar isso na história da moradia social na França. Nas primeiras décadas que

⁶ O termo “Bobos” é um acrônimo da expressão “burgueses boêmios”, cunhada pelo pesquisador norte-americano David Brooks no livro *Bobos no Paraíso: a nova classe alta e como ela chegou lá*. Ele faz referência à emergência de nova elite, caracterizada por alto capital econômico e alto capital escolar e cultural. O termo passou a ser muito usado na França como referência a setores da classe média alta – artistas, intelectuais, profissionais liberais –, que articulam em seu estilo de vida práticas cosmopolitas, elementos da contracultura, um interesse pela diversidade cultural etc. (nota do revisor).

se seguiram à II Guerra Mundial, o governo francês era muito voluntarista e se construía muita moradia nas periferias em grandes conjuntos habitacionais. No período de governo de François Mitterrand⁷, colocou-se em prática o que chamamos de *Politique de la ville*, para tentar melhorar os problemas urbanos que estavam surgindo nas periferias. No entanto, nos demos conta de que as classes médias estavam saindo dos grandes prédios construídos nos conjuntos habitacionais da periferia. As famílias começaram a voltar por vontade própria para as áreas centrais ou para pequenas cidades periurbanas, para ocupar um tecido urbano mais “tradicional”.

Progressivamente, o poder público foi tendo consciência de que os centros das cidades eram o objeto de interesse das classes médias e não as periferias (modernistas construídas no pós-guerra – nota do revisor). Na época, foram fortalecidas, pelo ministro da cultura Jack Lang⁸, as noções de conservação e valorização do patrimônio. Antes, isto não existia. Então, nessa época houve muito recurso para renovação dos centros antigos. Isto tinha relação com uma certa “ideologia das novas classes medias” que também se interessava em preservar e valorizar os centros antigos. E o poder público se deu conta de que algumas cidades estavam melhorando devido à recuperação ocorrida nos bairros degradados após a chegada das novas classes médias... Neste momento, eles viram a possibilidade de efetivar uma política pública de reabilitação das áreas centrais.

Tomemos como exemplo a renovação de *Les Halles*⁹, na região central de Paris. Nas décadas de 1960 e 1970 o governo destruiu esplêndidas construções para renovar os bairros centrais e isso tinha um espírito totalmente contrário ao que conduziu os processos de gentrificação na França, pois a gentrificação da forma como ocorreu aqui pressupunha a reabilitação/revitalização e não a destruição como ocorreu em *Les Halles*. No período de governo de Giscard D’Estein, estas destruições pararam. Giscard evitou, por exemplo, a destruição da antiga estação de trem d’Orsay e conservou o prédio para fazer o novo Mu-

seu d’Orsay. Dez anos antes, ele teria sido destruído para a construção de um museu novo e moderno. Então, a partir desse período houve uma mudança de espírito.

Então, a partir dos anos de 1980, iniciou-se nas grandes cidades francesas uma série de políticas urbanas que não previam mais a destruição do tecido urbano original para a construção de novas edificações modernas, mas, ao contrário, a revitalização progressiva dessas áreas. Mas esta mudança de atitude da parte do poder público foi influenciada pelos mesmos atores sociais que foram os agentes da gentrificação e que sempre defenderam a recuperação dos centros urbanos.

Com o passar do tempo começou a acontecer uma certa “mercantilização” desses processos por parte do poder público e do grande capital. Cabe lembrar que nessa mesma época começou a surgir também o que chamamos de “marketing urbano”. As cidades estavam competindo entre si e os prefeitos se tornaram figuras importantes mundialmente, como ocorrido, por exemplo em Barcelona. Então, os gestores públicos começaram a se interessar pela recuperação de elementos urbanos que eram valorizados pelas classes médias e altas.

e-metropolis: Podemos dizer que hoje em dia os “aventureiros do cotidiano” foram substituídos pelos “Bobos”?

Catherine Bidou: Sim. Em uma capital como Paris, os bairros que foram inicialmente gentrificados pelas novas classes médias agora se tornaram muito caros. Hoje, estes bairros estão ocupados pelas classes altas e não mais pelo estrato social que se mudou para lá décadas atrás. Exemplo disso é o *Quartier Latin* no *V Arrondissement* de Paris. Há 40 anos, este bairro tinha uma parte popular, mas agora são só os estrangeiros que vivem lá, comprando e alugando as moradias. O Marais também está assim atualmente. Hoje ele é um bairro chique, diferente do que foi no passado... É um bairro inteiramente gentrificado. E ele tem uma história interessante: a aristocracia vivia lá no século XVII, depois eles saíram, e se tornou um bairro de artesãos, depois um bairro popular e um bairro judeu, e, mais recentemente, a classe média intelectual interessou-se pela qualidade das edificações e ele progressivamente se transformou em um bairro chique para as classes altas.

e-metropolis: E você acha que as intervenções urbanas realizadas nos

7 Mitterrand foi o primeiro presidente francês eleito pelo Partido Socialista e governou entre 1981 e 1995 (nota do revisor).

8 Foi ministro da cultura nos governos de François Mitterrand entre 1981 e 1993 (nota do revisor).

9 *Les Halles* era um grande entreposto comercial de alimentos frescos, localizado na região central da cidade de Paris. Foi construído no século XIX e totalmente destruído em 1971 para dar lugar a um grande centro comercial subterrâneo integrado a uma grande estação de trem e metrô. A obra foi realizada durante o governo de Georges Pompidou que promoveu também a renovação do bairro vizinho Beaubourg (Nota do Revisor).

últimos anos em grandes cidades europeias, como as Docklands em Londres, o Port Vell em Barcelona e Bercy em Paris, são exemplos de gentrificação?

Catherine Bidou: Para mim, isso não é gentrificação, na forma que eu entendo. Isso é unicamente promoção imobiliária. Estas intervenções foram feitas em bairros degradados e populares, que agora se tornaram muito elitizados e ocupados basicamente por executivos. Foram destruídos e reconstruídos por grandes grupos capitalistas. Eu chamaria isso de *urban upgrading*. O processo de gentrificação, tal como descreveu Ruth Glass em 1964, não é isso. Para mim o processo de gentrificação envolve a recuperação e transformação do tecido urbano existente. As Docklands são um processo diferente, com destruição e reconstrução. Em Bercy, é a mesma coisa, foram grandes grupos capitalistas que destruíram tudo e depois reconstruíram. Isso não é uma transformação feita a partir de pequenos atores privados, então eu não usaria o termo “gentrificação” para isso. Mas alguns pesquisadores usam.

e-metropolis: Como você vê o desenvolvimento do conceito de gentrificação dentro da sociologia francesa contemporânea? Existe uma definição consensual sobre este conceito?

Catherine Bidou: Eu acho que o uso do conceito se ampliou muito ao longo dos anos. Por exemplo, Anne Clerval utiliza ele na sua tese de doutorado e em seu livro *Paris Sans Le Peuple*¹⁰. Ela aplica o conceito para discutir o caso do *XV Arrondissement* Paris, que era um distrito com várias fábricas da Citroën e moradias populares e agora foi elitizado, pois grandes grupos empresariais e executivos que possuem uma renda alta se instalaram lá. Mas eles não têm, absolutamente, o espírito dos gentrificadores que eu estudei. Lá não ocorreu a transformação dos prédios e dos apartamentos existentes, ao contrário, foram construídos torres de 30 andares.

e-metropolis: Então como você definiria este processo?

Catherine Bidou: Para mim, isso é promoção imobiliária. Eu chamaria de emburguesamento. O pesquisador Bruno Cousin estudou as transformações urba-

nas ocorridas nas cidades de Levallois e Courbevoie, onde os antigos bairros operários foram totalmente destruídos e agora só há grandes executivos em lindas residências construídas pelos promotores imobiliários. E nestes casos foram os prefeitos que fizeram especulação imobiliária. No caso de Levallois, por exemplo, o prefeito ofereceu terrenos aos promotores imobiliários e agora essa cidade se tornou muito rica. Há 40 anos, era uma cidade operária. E a cidade de Courbevoie, que também era relativamente popular, hoje é uma cidade voltada para as elites. Para mim, tudo isso não é gentrificação. Bruno Cousin, que trabalhou o tema, chama isso de “refundação”.

e-metropolis: O tema da gentrificação ainda hoje é relevante para as pesquisas na área da sociologia urbana francesa?

Catherine Bidou: Sim. Eu acho que é um processo importante que agora vem ocorrendo em pequenas e médias cidades. Mas nas pequenas cidades onde ocorrem processos de gentrificação, o governo municipal vem investindo na recuperação de habitações antigas e degradadas para transformar em moradia social. Ou seja, procuram incentivar uma mistura social e não a retirada da população mais vulnerável. Neste caso, os processos de gentrificação possuem um lado positivo, pois incentivaram políticas que buscam a mistura social, então algumas prefeituras recuperam os imóveis – não mais destroem e reconstróem como era feito no passado –, justamente para não quebrar o tecido urbano existente.

Na cidade de Amiens foi assim. Alguns atores locais, movimentos sociais e a prefeitura, que era comunista na época, renovaram vários prédios que estavam muito degradados.

e-metropolis: E existem hoje iniciativas do poder público na França para controlar possíveis excessos nos processos de gentrificação?

Catherine Bidou: Sim. Por exemplo, hoje, em Paris, a prefeitura tem como ideal a mistura social. Quando um bairro começa a se tornar homogêneo elitizado, há políticas para conservar um certo grau de mistura social. O poder público recupera ou constrói moradia social para as categorias populares. Já ocorreu também do poder público comprar, em bairros burgueses, prédios do período Haussmaniano para fazer moradias sociais para as categorias populares, algo que vai na direção contrária aos processos de gentrificação.

10 CLERVAL, Anne. *Paris sans le peuple*. La gentrification de la capital. Paris: Editions La Découverte, 2013.

e-metropolis: Quais são as consequências da gentrificação em Paris e em outras cidades na França?

Catherine Bidou: A principal consequência negativa é quando gera exclusão social, como ocorreu, por exemplo, na região de Bastille em Paris, que vem se elitizando com *boutiques* de todas as marcas de grandes redes mundiais. Acho que isso é excessivo e teve como efeito a expulsão dos filhos da classe operária, que foram obrigados a sair de seus bairros de infância.

Porém, há consequências também positivas que refletem sobre as políticas públicas urbanas. Os processos de gentrificação levaram o governo municipal parisiense a pensar em um novo tipo de política para cidade. Por exemplo, as políticas de renovação com destruição total foram substituídas por políticas de

revitalização que levaram em conta o tecido urbano e a relação dos habitantes com o território e suas escolhas habitacionais. Por este lado, eu acho que a gentrificação foi útil, pois teve como efeito o desenvolvimento de políticas de habitação mais adequadas, mais inteligentes.

e-metropolis: Mas a crítica diz que a gentrificação reforça a segregação urbana. Isto ocorre em Paris?

Catherine Bidou: Isto ocorre, sim. Mas pelo menos a gestão atual da prefeitura de Paris tem como objetivo criar mistura social. Eles tentam combater a segregação construindo habitação social em bairros que tendem a tornar-se muito burgueses. ■